

**TERRITÓRIO E IDENTIDADE: USO DA CARTOGRAFIA SOCIAL NO
MAPEAMENTO DE ÁREAS DE COMUNIDADES REMASCENTES
QUILOMBOLAS – ESTUDO DE CASO DAS COMUNIDADES, MAÇAMBIQUE
(CANGUÇU, RS), FAZENDA CACHOEIRA (PIRATINI, RS)
E MONJOLO (SÃO LOURENÇO DO SUL, RS)**

MATTOS, Gil Passos de¹; COLLISCHONN, Erika²

¹ Acadêmico do Curso de Geografia Bacharelado – UFPEL. gilpassosm@hotmail.com

² Profa. Dra. DEGEO – ICH – UFPEL.

1 INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada por um triste capítulo de exploração e opressão, desde o início de seu processo de colonização, principalmente em relação aos povos nativos indígenas e os povos oriundos do continente africano, do processo de diáspora africana. Embora, triste, também foram belos os processos de resistência. Uma dessas formas de resistência foram os Quilombos, refúgios de negros, em geral no meio de matas, esses espaços, não continham só negros, mas também, índios e foragidos ou excluídos do sistema.

Na região sudeste do Rio Grande Sul, destaca-se a região da chamada, Serra de Tapes, como um refúgio de diversas comunidades quilombolas, que ainda hoje habitam esse local.

Essa pesquisa tem objetivo mapear a área de três comunidades remanescente quilombolas: Maçambique (Canguçu, RS), Fazenda Cachoeira (Piratini, RS) e Monjolo (São Lourenço do Sul, RS) (Fig. 1). Através do uso de ferramentas do de geoprocessamento e diálogos com as comunidades, nos trabalhos de campo. Atuando num processo revolucionário de interação do conhecimento científico com o saber popular das pessoas da comunidade. Sendo que a representação cartográfica dos mapas será construída em parceria com os quilombolas, considerando assim o seus saberes e seus símbolos.

O trabalho aqui apresentado é vinculado ao projeto, “Territórios negros na região central e na região das antigas charqueadas do RS: fluxos de memórias e fronteiras étnicas em uma perspectiva comparativa”, Sub-projeto: *Elaboração de relatórios antropológicos de caracterização histórica, geográfica, econômica e sociocultural nas comunidades remanescentes de quilombos de Fazenda Cachoeira, Moçambique e Monjolo*, coordenado pela Profa. Dra. Rosane Rubert, UFPEL. Cabe destacar o fato de que o projeto possui uma equipe, com alunos e professores trabalhando em diferentes áreas, mas com uma ampla troca de informações.

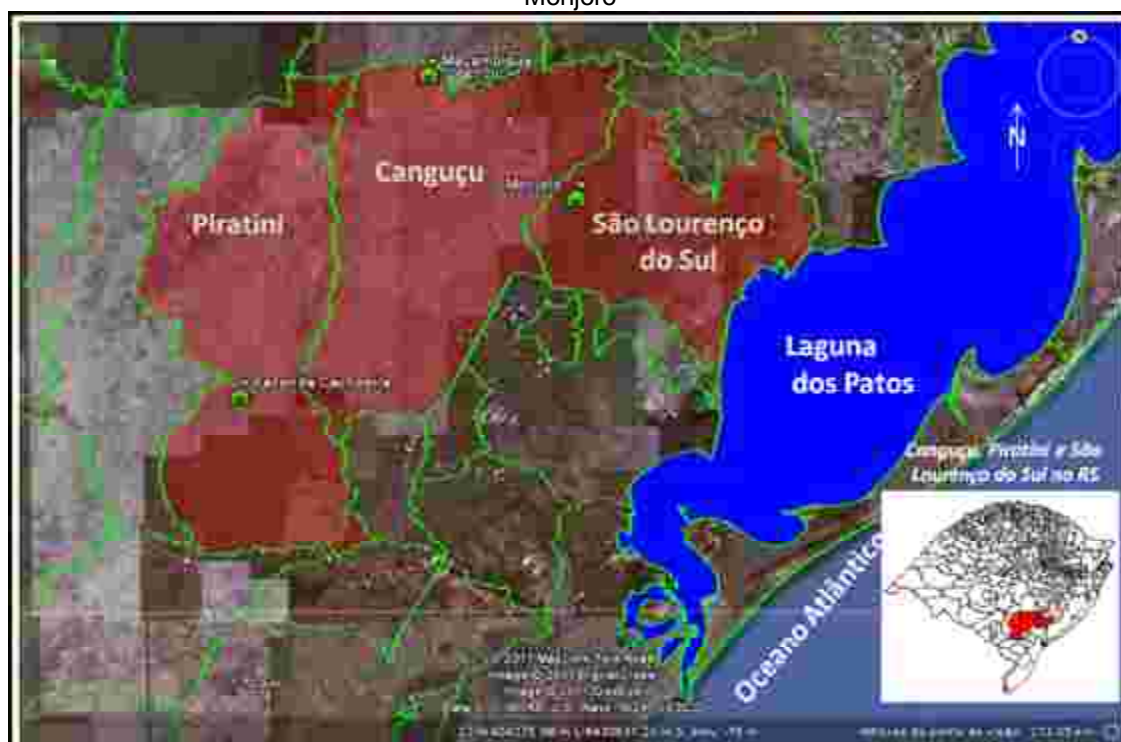
Nosso trabalho trata de questões relacionadas ao geoprocessamento, mais especificamente, na montagem de banco de dados em SIG, onde é possível além de armazenar dados, e produzir mapas, tem se utilizado essa poderosa ferramenta, na consulta de atributos (informações relacionadas aos quilombolas) e também consultas espaciais, relacionadas à questão do território e do espaço geográfico.

Cabe destacar o fato de que essa temática, dos quilombolas, não é só um problema de caráter científico, trata-se de uma questão política (LEITE, 2000), em função do enorme contraste social existente no Brasil, tanto na cidade como no campo, e ao longo dessa pesquisa vimos, que muitas famílias dessas comunidades quilombolas, visitas sem encontram em precárias situações de vida, com rico até a

segurança alimentar, mesmo sendo moradores e trabalhadores da área rural. Segundo decreto Nº 4.487 de 20 de novembro de 2003, artigo terceiro, compete a União a responsabilidade de mapear essas áreas dos quilombos, conforme podemos observar na citação apresentada a seguir:

Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sem prejuízo da competência concorrente dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Decreto de Lei Nº 4.487, art. 3º, 2003).

Figura 1 – Caracterização das áreas de trabalho, comunidades: Maçambique, Fazenda Cachoeira e Monjolo



Fonte: GOOGLE EARTH, imagem (2011) e IBGE, Malha Digital (2011), organização: MATTOS, 2011.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A seguinte pesquisa pode ser dividida em cinco diferentes procedimentos metodológicos, sendo eles então: Trabalho de revisão bibliográfica e de consultas em arquivos públicos (1), reuniões e espaços de diálogo entre a equipe de trabalho (2), trabalho de campo (3), oficinas e entrevistas nas comunidades quilombolas (4) e trabalho de laboratório (5).

No trabalho de revisão bibliográfica, buscaram-se obras relacionadas às questões relacionadas ao estudo de quilombos, e da cartografia social. Nos encontros da equipe se discute textos, e questões inerentes à própria pesquisa. O trabalho de campo contou com o uso de equipamentos como: Prancheta, papel, caneta, máquina fotográfica, trena, um GPS Etrex Garmim, e bússola. A etapa de entrevistas já começou, já as oficinas ainda. Quanto ao trabalho de laboratório, nesse serão utilizados os softwares Spring 5.1.8, TerraView 4.0, Microsoft Excel e

Word 2007, CorelDraw X4, TrakMaker e Google Earth. Nessa etapa do trabalho, contamos com uso de imagens de satélite IKONOS PSM II, de resolução espacial de um metro, para auxiliar na delimitação das áreas remanescentes dos quilombolas.

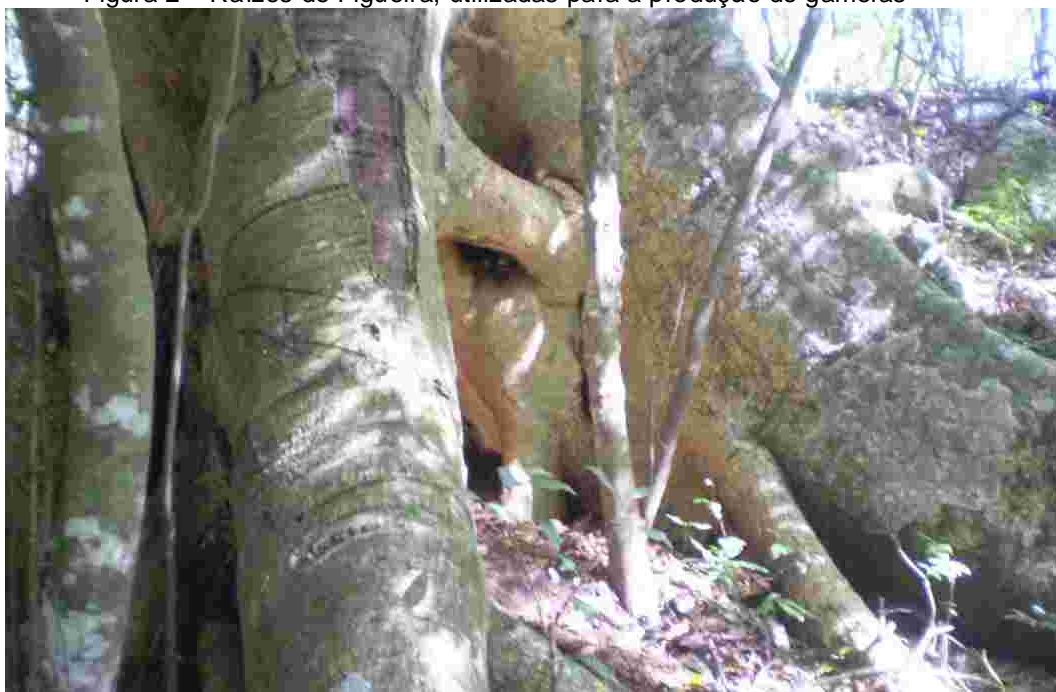
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Nossa pesquisa teve início em junho de 2011, a princípio, tendo prazo para conclusão, de um ano. Ainda não sabemos ao certo o número de famílias envolvidas nesse processo, nas três comunidades, mas ficam em torno de 80 famílias ou mais.

A dinâmica de trabalho, tem se organizado da seguinte maneira: são realizadas viagens semanais as comunidades, alternado semanalmente as comunidades visitadas. Nessas visitas e que são realizados os trabalhos de campo, relacionados, as entrevistas, ao reconhecimento da paisagem e do trabalho de mapeamento da área.

O trabalho de campo tem se demonstrado a etapa de trabalho, de maior retorno, pois além de ser a única maneira que encontramos para delimitar a área, em função da necessária coleta de pontos de GPS, para marcar os marcos e limites da propriedade. São coletados também pontos de importantes áreas de referência territorial para os quilombolas, como: cemitérios; escolas, postos de saúde, locais de cultos religiosos, grutas, cachoeiras entre outros elementos da paisagem natural, como figueiras antigas (Fig. 2) e outras árvores de importância na constituição da cultura e até mesmo em certos casos da sobrevivência desses povos, pois muitas árvores e arbustos são utilizados no cotidiano dessas pessoas, na construção de casas, lenha para madeira, para móveis, para a confecção de artesanato e também no que diz respeito ao uso de plantas medicinais, até da sobrevivência desses povos, pois de várias árvores e arbustos entre outros inúmeros locais de importância para o reconhecimento do território dessas comunidades.

Figura 2 – Raízes de Figueira, utilizadas para a produção de gamelas



Fonte: MATTOS, imagem 20/08/2011, saída de campo realizada na comunidade Maçambique (Canguçu, RS), na propriedade da *Dona Miguela*.

Mas o fato de maior destaque dessa pesquisa, que realmente é inovadora para a Academia é a interação com a comunidade, e conhecimento de sua realidade e de sua percepção de mundo e a maneira como se relacionam com a natureza, geralmente numa relação de respeito e preservação dos recursos naturais, assim como, o respeito pelas gerações futuras.

4 CONCLUSÃO

Consideramos até o presente momento que o andamento da pesquisa está conforme o planejado, já esperava-se um início dos trabalhos um pouco mais lento, em função de ser um trabalho minucioso e que exige uma certa interação entre comunidade e equipe de trabalho, pois sem a colaboração da comunidade seria impossível a realização do trabalho.

No que diz respeito ao trabalho de geoprocessamento, as ferramentas utilizadas tem-se mostrado confiáveis, e cabe destacar a surpresa positiva do uso do software TerraView, no que diz respeito a consulta de atributos, isto é, informações sobre a comunidade e de dados espaciais relativos análise do território.

Do ponto de vista humano, isto é, pessoal, essa é uma experiência muito gratificante, pois, ainda que seja por um breve instante, é um prazer poder atuar como uma ferramenta para essas comunidades, nesse longo processo histórico de resistência cultural.

5 REFERÊNCIAS

GOVERNO DO BRASIL, **Decreto de lei Nº 4.887**, Brasil, 2003.

FOX, Jeferson, et al. **O poder de mapear efeitos paradoxais das tecnologias de informação espacial**. _____, (Pág., 71-84).

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. In revista Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, (pág. 333-354).

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Universidade de Brasília, 2002.

O'DWYER, Eliane C. **Quilombos: Identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.